

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA
REVISTA DE TURISMO

LISBOA, 20 DE OUTUBRO DE 1917

ANO II—N.º 32

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO

ANO 1\$00 ESTRANGEIRO
SEMESTRE \$50 ANO 2\$50

NUMERO AVULSO 5 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACITOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegouaria)—TEL. 2337-C.—LISBOA

ESCRITORIOS DE INFORMAÇÕES

DEVE partir no principio do proximo mez para Paris o delegado da Sociedade de Propaganda de Portugal, a fim de montar o escritorio de informações na capital franceza.

É, pois, este um grande passo dado para a divulgação, lá fóra, do nosso Paiz, e estamos convencidos de que tambem, dentro em pouco, outros postos vão ser montados n'outras capitães de grande importancia, vendo-se assim a nossa Nação a caminho de uma grande epocha de turismo.

No estrangeiro, como cá, são muito procuradas as informações pessoasas sobre o ponto que se deseja visitar, pois fica-se logo sabendo o que se pretende, não tendo de se recorrer a pessoas, embora com um largo tirocinio de viajar, mas que, em regra são maus informadores.

Haja em vista os milhares de pessoasas que ao pequeno posto de informações da estação do Rocio, vão saber coisas e informar-se do trajecto ou facilidade d'uma viagem, embora ela seja conhecida do pretendente.

Uma difficuldade que embaraçava todas as tentativas no sentido de montar um posto de informações, fosse ele em Paris, no Rio de Janeiro, em Nova-York ou Londres, era encontrar-se alguém idoneo para estar á sua testa.

Sim, porque uma pessoa falando linguas, conhecendo bem o nosso Paiz, sobretudo, e que tivesse dedicação pelo encargo que lhe davam, não se encontra ao voltar de uma esquina.

Haja em vista os postos de informações estabelecidos ha anos em Buenos Ayres e Nova-York, em que os

seus directores, quando qualquer pessoa apparecia a pedir informações, iam consultar o mapa de Portugal, e percorrer folhetos com a vista, pois não tinham a mais leve noção da nossa terra.

Este caso não se dá, porém, com o posto em Paris, pois dizem-nos da Propaganda, que a pessoa a quem vai ser confiada a sua direcção é um antigo director d'aquella Sociedade, e um devotado amigo da nossa terra e conhecedor a fundo do mister que lhe vae ser conferido.

Mais nos consta que, a seguir a esta agencia, outra será montada em Londres.

Para desejar será que, eguaes postos de informações sejam creados em Buenos Ayres, no Rio de Janeiro, em Nova York. O nosso Paiz ainda está tão pouco vulgarizado lá fóra que necessario se torna meter hombros a estas empresas.

Não nos cançaremos de exaltar a importancia que as peluculas da casa Gaumont vão ter no Estrangeiro. Estamos certos que muita gente, ante a admiração pelas belezas da nossa terra, perguntará qual a fórma de o visitar, e quaes as comodidades e facilidades que são fornecidas aos viajantes.

Irá certamente ás agencias de navegação, mas ali nada mais lhe saberão dizer do que o porto de Lisboa é o ponto natural de passagem para a Europa, e a cidade está collocada em



LEIRIA—VISTA PARCIAL

uma serie de colinas, produzindo um excelente efeito de bordo.

Do nosso Pais só essas vagas e imprecisas informações lhe serão dispensadas, acabando o viajante por desistir da viagem.

Seria uma aventura estabelecer no Rio de Janeiro e em Buenos Ayres, umas agencias, á semelhança do Cook e de outras, onde se vendessem passagens para Portugal, não só de vapores como de comboios, e n'essas agencias dêssem informações detalhadas sobre hoteis, meios de transporte, pontos de altitude, sanatorios, thermas e tantas outros atractivos que inutil será mencionar? Parece-nos que não.

Os sacrificios feitos com a montagem de taes agencias, seriam largamente compensados pelos beneficios prestados ao nosso Paiz, e dentro em pouco elas teriam vida propria e desafogada.

Leva-nos a crêr que estas sejam as ideias da Sociedade de Propaganda; mas em tal caso, os nossos desejos seriam para que sem demora se lançasse mãos á obra, que a ocasião não pode ser mais propicia.

Manuel Emygdio da Silva

E com intensa magua que registamos o desastre de que acaba de ser victima o illustre presidente da Comissão hoteleira da Sociedade Propaganda de Portugal, sr. Manuel Emygdio da Silva, n'uma das ocasiões em que dava cumprimento a uma sua missão de turismo, de que é um entusiasta e dos mais acerrimos defensores.

Segundo as ultimas notícias, o restabelecimento do distincto jornalista acentua-se n'uma feliz progressão; e esperamos que, muito em breve, S. Ex.^a retome a sua habitual vida de trabalhador e devotado propagandista das belezas do nosso Paiz.

São esses os melhores votos da *Revista de Turismo*.

«A PRAIA»

E este o titulo d'uma Revista quinzenal que acaba de aparecer, na Figueira da Foz, e cuja visita vem de nos ser feita.

A *Praia*, é uma interessante publicação illustrada, destinada á defeza dos interesses figueirenses e a promover o progresso da atrahente cidade da foz do Mondego.

A *Revista de Turismo* saudando o seu novo colega, envia-lhe os seus votos de longa e prospera vida.

A TORRE DE BELEM VICTIMA DA AFRONTA NACIONAL

EM o nosso n.º 27, referido a 5 d'Agosto ultimo, registámos n'estas columnas o protesto que fôra levantado pelo sr. Dr. Julio Dantas n'uma sessão da Academia das Sciencias, acompanhando-o de apreciações que julgámos oportunas.

No artigo que sobre o assumpto então escrevemos, inserimos o seguinte periodo, que muito propositadamente vamos transcrever:

«O protesto vehemente, erguido pelo sr. Dr. Julio Dantas na sessão da Academia das Sciencias, sendo a logica consequencia do que se acha exposto no elucidativo Relatorio da Repartição de Turismo e do realce que aqui demos a esse seu capitulo, tem, apenas, o merito da defeza propria, aliás bem sublinhada no discurso d'aquelle muito illustre academico. Todavia, parecia-nos mais eficaz se elle fosse tornado pratico senão directamente, pelo menos na manifestação d'um agregado das entidades que representam os poderes maximos da Arte e da defeza do patrimonio nacional.»

Vemos, porem, decorridos já tres mezes sobre tão assignalado brado sem que os seus resultados praticos tenham, sequer, ultrapassado os humbraes do templo da super-sciençia; e constatamos, com infinita magua, a verdade da nossa apreciação e o acerto da nossa previsão. Aquelle protesto teve, realmente, apenas, o *merito da defeza propria*, e o seu platonismo não lhe deu alento para uma mais alti-sonante consagração, que, sem duvida, perpetuaria o nome, já a todos os titulos laureado, do brilhante academico.

E', pois, muito para sentir que não só a Academia das Sciencias, mas outras entidades—taes como: a Repartição de Turismo, a Sociedade Propaganda, a Academia de Belas-Artes, a Comissão dos Monumentos Nacionaes e tantas outras que por obrigação indiscutivel deviam directamente intervir para obstar a continuação da afronta que está sendo praticada pela Companhia do Gaz n'uma das paginas refulgentes da historia da nossa architectura nacional, não se tenham ainda pronunciado por um movimento de conjunto, de que sahisse—pura e simplesmente—a rapida remoção das installações que a referida Companhia possui junto do sumptuoso monumento da Torre de Belem.

Não quererá, porventura, nenhuma

d'essas entidades tomar a iniciativa do protesto pratico, para não fazer recahir sobre si o odio da pouco patriótica Companhia?!

Pois se nenhuma d'elas quizer mostrar que a sua ação não se desenvolve só na defeza dos interesses proprios, a «Revista de Turismo», procurará, em ocasião oportuna, rodear-se dos elementos que a possam acompanhar na sua campanha, para libertar a peregrina Torre do assedio barbaro de que está sendo uma infelicissima victima.

Estamos confiados que o nosso esforço será secundado e alentado por todos aqueles que não só contam o tempo para ganhar dinheiro; e que, com a nossa patriótica fé havemos de originar um grande movimento nacional que fará ouvir os seus clamores e efectivar os seus desejos.

E' uma obra grandiosa que nos impomos, cujos resultados deixamos á nossa provada persistencia e ao nosso fremente patriotismo.

Caminho de Ferro do Vale do Vouga

TENDO sido aprovado pelo parlamento a reforma do contracto com o governo, esta Companhia, vae efectuar varios melhoramentos na exploração de suas linhas, visto o novo contracto lh'o permitir.

A região servida pela linha do Vale de Vouga, é uma das mais belas e surprehendedentes do nosso Paiz e por isso o turismo tem ali um grande campo de acção.

Vizeu, Aveiro e Espinho as trez testas d'este Caminho de Ferro muito irá ganhar com as reformas que a companhia projecta, e muito ganhará tambem a região de Lafões.

A «REVISTA DE TURISMO» assigna-se e vende-se na sua administração, L. Bordalo Pinheiro, 28, e em todas as livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra Figueira da Foz, Guarda, Cintra e outras terras do paiz.

Anunciam-se gratuitamente n'esta Revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do Paiz.

ARTE E LITERATURA

DIVAGANDO...

DO MONT'ENCANTADO, SETEMBRO, 1917

Meu querido alfacinha:

O prometido é devido. Por isso venho hoje descrever-te o serão que passei no Castelo d'Oiro filigranado, onde—no cume d'esta Mantanha—habitam as duas irmãs a que me referi: a Indecisão e a Esperança.

Não entro em minúcias sobre os detalhes architectónicos, a sumptuosidade da riqueza paradisíaca e a magestosidade da arte pictural que se sentem n'essa chimerica habitação, porque só a quint'essencia espiritual poderia traçar tão sublime quadro. Limito-me, pois, n'esta carta a contar-te propriamente o que se passou n'esse pequeno minuto da minha existencia, em que os idealismos tiveram uma muito especial consagração.

Para o bom começo d'esta narrativa, referir-me-hei, em quasi todos os detalhes, ao programa a que tive de obedecer. E assim direi que, transpostos os degraus em que o marfim compõe a pequenina escada d'acesso a essa mansão de prazer, um pagem—lindo como o mais lindo anjo enviado pelo Ceu—conduziu-me a uma sala atapetada de preciosas flores, onde a claridade dos fachos luminosos, docemente cinda por abat-jours de variadas côres, punha reverberos de magia.

No meio d'essa sala, sob o seu doce de côr enigmatica, a Indecisão, hesitante qual Imperatriz Irène ao decretar a morte de seu filho, aguardava silenciosa os meus cumprimentos, enquanto a Esperança, à luz suave do seu transparente esverdeado, tecia as malhas da sua felicidade.

Um aroma enebriante, como o do Santo Incenso da Myrrha, dulcificava o ambiente. Os êchos longiquos d'uma sentimental pagina de Rubinstein, entrecortavam as expressões que começámos trocando.

Em derredor da sala e consoante a flexibilidade das phrases proferidas por essas duas adoraveis Princesas, levantavam-se, em vaporosos arabescos, gazes de côres variegadas, como que dando realce e verdade... às expressões que perpassavam.

Havia ali um como que balsamo oriental, espiritualizando-se no espaço.

De momento a momento uma risada crystalisada vinha animar esse transcendente quadro.

Passados alguns instantes (nem sei quantos...) o lindo pagem indicou-me um cravo, pintado d'azul celeste, com teclas d'esmalte e oiro, para eu traduzir, em ritmos musicas, as variantes do meu pensamento. Assim fiz; e ao cabo de pouco tempo tinha conseguido adornar as duas Princesas, embalando-as mysticamente nas sensações da Divina Arte. Depois, a Deusa Indecisão tocou o despertar lento d'um pezado sonho. Fez-se mais luz.

Subito, o som plangente d'um invisivel tam-tam transformou por completo esse scenario; e sobre a mais fina linhagem lavrada com raios de prata, appareceram dispostas as iguarias mais escolhidas pelo genial saber. O pagem, então, acereou-se e indicou que me sentasse sobre uma pyramide de almofadões de precioso estofo. Recebi a seguir um baptismo de leite, que uma taça de crystal purpurino despejou sobre a minha cabeça. Que extraordinaria sensação!

Após o leve mas saboroso repasto, o pagem retirou-se. A sua sombra encobriu-se por entre uma nuvem de gaze azulada.

DE CRUZ MAGALHÃES

HEROISMO

AO DR. ALFREDO DA CUNHA

Em Toro, numa fervida batalha,
Por tempos de façanhas e cruezas,
Um feito brühantissimo se entalha
Na tradição das maximas proezas:

Avante um cavaleiro a morte espalha,
Erguendo as nobres quinas portuguesas,
Pois antes vir a telas por mortalha
Do que mostrar receios ou fraquezas.

Eis que uma cutilada mais certa
A mão lhe leva, a outra se ergue ufana,
Mas cortam-lha também, e a bandeira...

Nos dentes a sustem com furia insana,
Sublimando a hora derradeira
A brava heroicidade lusitana!

EM SAGRES

AO DR. JOSÉ COELHO DA CUNHA

Alonga a vista o solitario infante,
E cisma, comparando o vasto oceano
Com o labor do pensamento humano,
Tambem, ás vezes, perfido, inconstante!

Quanta alegria gera e quanto dano!
Que prodigios alcança triunfante!
Como pode, seguindo sempre ávante,
Sonhar no mundo Portugal sob'rano!

Cogita em inspirar sublime empreza,
Que se transforme em glorias e riquezas,
N'um arrojado plano que antegósa...

Sorri-lhe á idea o feito resplendente,
Porque lhe vibra n'alma persistente:
A aspiração da Patria aventureira.

Abriram-se, depois, as portas do jardim suspenso, onde as sensitivas guardam as recordações dos seus narcisos. Ah! dêmos, ainda um pouco de expansão aos nossos idealismos, inspirados na fragancia das mimosas plantas que nos rodeavam.

A breve trecho, porem, uma badalada sonora que se repercutiu no espaço, fez-me crer que tinha chegado o momento de abandonar esse Castelo de sonhos e de ilusões.

Um clarão flamejante brilhou intensamente, como que iluminando-me o caminho a seguir, e segui-o.

Envolto no manto da saudade, desci vagarosamente os degraus em que o marfim compõe a pequenina escada, dando liberdade aos meus estonteados pensamentos, que vaguearam depois ao seu sabôr.

...Desfolhei, então, a ultima petala do meu bem-me-quer...

MARIO DE MONTALVÃO

PAISAGENS PORTUGUEZAS

DO LIZ Á BATALHA

Do Liz á Batalha, é uma jornada que se faz com prazer. A sua duzia de kilometros estende-se entre pomares, vinhas e pinheiraes. Ninguém ao percorrê-los tem pressa de chegar. Logo na Estação de Leiria, ao subir-se para a mala posta, se tem a sensação de uma viagem deliciosa. O verde forte dos ulmeiros e dos choupos esguios que fazem alas para o Liz passar na imponencia pacata da sua corrente alastrada, as folhas das faias altas, que todam sobre a estrada uma sombra, batida levemente com uma aragem finamente macia, tudo nos faz lembrar que caminhamos para o Paraíso.

A estrada não tem subidas, por isso o carro rôla a trote, embora os passageiros se apinhem nos bancos, mais estreitos que os dos theatros de feira.

Toda a bacia que o Liz banha e fecunda, que não é mais do que um mostruario de sementeiras sobre um chão que desaparece, ora, alagado ora a secar ao sol ardente, nos dá a boa nova de uma terra farta e prospera.

Ao fundo d'essa moita de milhos e verduras, empina-se o castelo de Leiria, como em continencia, dando as boas vindas aos viajantes, que vem até ali ver as velhas muralhas do sagrado lar da Rainha Santa, e que escutaram, segundo a piedosa lenda, os lamentos dos pobres suplicando a esmola, emquanto a Rainha esmoler transformava o pão em rosas, aos olhos do rei lavrador e á sagacidade dos seus cortezaos.

Um outro carro, tirado por uma ligeira parelha, leva-nos depois pela estrada da Batalha, que se dilata entre os choupos altos curvados, parecendo

os veneraveis amigos de Antonio Nobre, *Corcundinhas e todos aos nós*, que se dobram para nos saudar.

Uma hora depois, descortinam-se no vale as torres do famoso mosteiro, gloria épica dos tempos heroicos do Mestre de Aviz e de outromestre, o do



VISTA DE PERACOVA

admiravel cinzel rendilhador da pedra: Affonso Domingues.

O soberbo monumento, que devia ter sido erguido n'um outeiro para que a nossa admiração se extiasse de longe, foi construido no fundo do vale, e as gerações que se seguiram, sem o respeito que deve merecer uma

tão gloriosa joia, engastaram-na de casebres, tão pobres e de tão feio aspecto, que até os santos nos nichos da frontaria parecem acabrunhados com semelhante afronta.

E não houve uma voz, um echo do Mestre Domingues que gritasse das abobadas do mosteiro:—Para traz pedreiros ruins, erguei as vossas casas, além longe; deixai respirar os meus mortos na gloria dos seus louros.

Mas enquanto não vem o camartelo demolidor, entremos no convento. Entremos, mas devagar.

—Pois aquela porta rendilhada, não deixa penetrar ninguem sem um Ah! de admiração pelo rendilhado das franjas que a emolduram, pela gravidade dos seus monges de pedra dentro dos nichos, demonstrando o genio do artista que os cinzelou.

Dentro, sob as columnas altas que sustentam as abobadas, de uma imponente simplicidade, uma ufania de grandeza vem até nós, dos tempos de outrora, de uma grandeza que não tinha limites.

A luz que alumia a nave, penetrando pelas janelas estreitamente esguias, é coada por vitraes de extraordinaria beleza e de uma sumptuosa perfeição.

Mas antes de passarmos ao interior da igreja, uma porta estreita obriga-nos a entrar na Capela do Fundador, onde em tumulos de fino rendilhado repousa D. João I e sua mulher D. Filipa de Lencastre, tendo a cobril-os as estatuas jacentes dos dois: ele

no seu traje guerreiro; e ela com um livro na mão, tendo escripto na cabeceira, o admiravel conceito da *orden da Jarreteira*: «*Hon-nit Soil qui mal y pense*».

A' volta da capela dormem tambem o derradeiro somno, entre os infantes da épica historia o famoso rei D. João II, e o não menos famoso Infante D. Henrique. E, quem sabe, n'esse derradeiro somno, se ainda sonham na mistica aventura das descobertas.

Passemos depois aos Claustros, á fina filigrana de pedra das arcarias, em que Mestre Domingues mostrou o peso fulgurante do seu genio.

Mas ao lado a sala do capitulo, a mais notavel abobada que a sciencia humana podia conceber, encerra dois factos que bem demonstram o genio inventivo e a inquebrantavel rijeza da dignidade da nossa raça.

Mestre Duguet, rival do famoso ar-

chitecto lusitano, poz em duvida a estabilidade d'aquella obra, pois uma abobada com tal vastidão e com tão difficil equilibrio, tinha que derruir



UM TRECHO DAS CAPELAS IMPERFEITAS

logo que lhe tirassem os simples. Mas não derruiu, e mestre Domingues, ficando sob ella os tres dias do seu voto, succumbiu de inação, mas demonstrando ao estrangeiro quanto valia a palavra luzitana.

Nas capelas Imperfeitas, não ha tempo que chegue, não ha admiração que baste, para tão soberbo trabalho. E os bordados das columnas, que se elevam ao Ceu, —sua cupula,— mais parecemas ramagens que a Natureza desabrocha, do que obra de simples mortaes.

Uma coisa desejariamos, depois da visita demorada e lenta: é de uma romaria, pelo mesmo caminho, e sentir, entre as arcadas, entre o claustro a alma desabrochar novamente de grandeza, ao ler

BATALHA—
CLAUSTROS

aqueles psalmos patrios, no famoso *Poema de Pedra*, escriptos pelo genio de uma raça.

Embora a gente chegue bem cedo, quando deixamos a Batalha é noite.

E uma sensação nova nos espera, á volta: é a visão fantastica que nos oferece Leiria, com o seu castello, fazendo sentinela, no seu outeiro alto e pedregoso, e a sua avenida ladeada de

choupos esguios, que ao luar tomam o aspecto das paisagens normandas, e entre os quaes um doce espelho que a lua ilumina, o Liz, vae correndo mansamente para o mar.

GUERRA MAIO

O TURISMO E AS ESCOLAS HOTELEIRAS

Sob esta epigrapha publicou, ha dias, o *Diario de Noticias* uma carta d'um seu correspondente, que se encontra actualmente n'uma estancia thermal da França, a qual a seguir transcrevemos com a devida venia, para sobre o assumpto bordarmos algumas considerações.

Diz essa carta :

«O turismo vai em toda a parte tomando uma tal importancia que já aqui, no conselho geral de Puy-de-Dôme, foi resolvido pedir ao governo que estude a criação de um ministerio ou, pelo menos, de um sub-secretariado do turismo e aguas minerais.

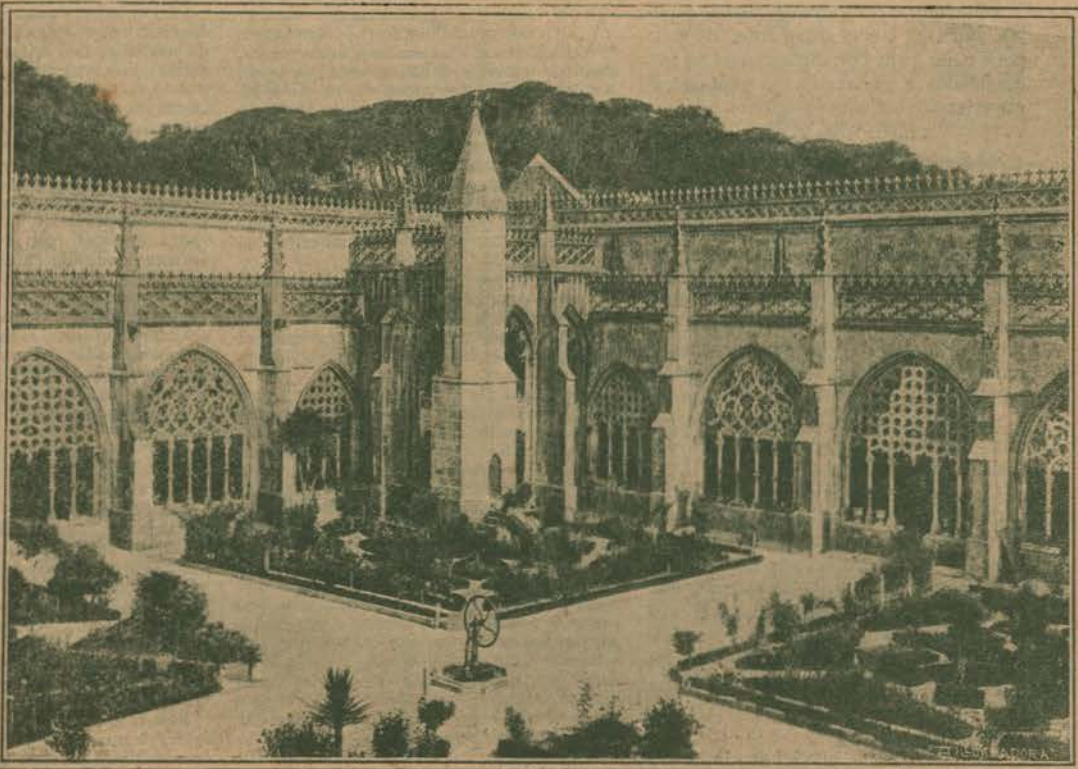
«E', talvez, um pouco exagerado para um paiz, que já tem o ministerio do commercio.

«Como sabe, ha aqui uma escola

de estudos superiores com uma secção especial para os alumnos que se dedicam á industria hoteleira. Vizitei-as e levo á comissão de hoteis o programa dos estudos que muito amavelmente me foi dado pelo sr. Delos, director da escola.

«Não podemos, por enquanto, nem por sonhos, aspirar a ter uma escola hoteleira como a de Paris, nem mesmo como a de Aix, porque não temos alumnos preparados para ella; mas ainda o meu ideal continúa sendo que ás diferentes secções do Instituto de Comercio de Lisboa se annexasse mais uma—a hoteleira—onde se preparassem os futuros directores de hoteis.»

Se bem que todos os subsidios sobre materia de turismo sejam sempre bem vindos—quanto mais não seja



senão para um confronto—não podemos, todavia, deixar de pôr ante os olhos do auctor da referida carta (se ele fôr leitor da *Revista de Turismo*, o que a tal respeito já se tem feito em Portugal. Para isso basta-nos simplesmente trasladar para estas colunas alguns períodos da these apresentada ao ultimo Congresso Hoteleiro pela Comissão de hotéis da Sociedade Propaganda de Portugal.

El-los:

«A idea de criar escolas de empregados de hotéis é uma novidade, apenas, para aqueles que ignoram o que se pratica em toda a parte, onde a indústria hoteleira deixou de ser uma coisa imprecisa, para que todos se julgam habilitados, sem preparo algum, de qualquer natureza que seja. No estrangeiro, porém, existem, há já muitos anos, numerosas escolas profissionais, mantidas todas não pelo Estado, ainda que subsidiadas por êle ou pelas camaras municipais, mas pelos próprios interessados, o que é a melhor prova da sua utilidade e valor práctico.

«E' assim que existem, entre outras, a escola profissional da Sociedade de Hoteleiros, em Lausanne, e a escola instalada pelo Sindicato Geral da Indústria Hoteleira e dos Grandes Hotéis de Paris, para não citar senão duas das mais notáveis dessas instituições.

«O plano e o programa destas escolas variam, necessariamente, de país para país, para corresponderem ás necessidades especiais que a prática e a experiencia indicam.

«A Propaganda de Portugal teve também a sua escola profissional para empregados de hotéis, na Casa Pia de Lisboa, que funcionou regularmente durante um ano, tendo saído dela alguns alunos, que se acham empregados hoje em hotéis de Lisboa; porém, com a mudança de regime, o Governo Provisório, parece que por medida de economia, mandou fechar a escola hoteleira, em que nós tínhamos pôsto o melhor da nossa boa vontade e em que fundávamos as nossas mais entusiásticas esperanças.

O subsidio concedido pelo Governo para esta escola era de 200\$00 anuais.

Não desanimando, nem abandonando a nossa idea, e parecendo-nos urgente a criação em Portugal de escolas, que preparem o pessoal indispensável aos hotéis, resolvemos reabrir a nossa escola hoteleira na sede da Sociedade, para o que já estão elaborados o plano e o programa de estudos.»

E não só n'essa these mas, também,

na submetida ao mesmo Congresso pelo sr. Dr. José d'Athayde, insigne Director da Repartição de Turismo, são feitas referencias á necessidade de uma escola para instrução do pessoal hoteleiro, conforme se acha disposto nas conclusões que passamos a transcrever.

«a) Tendo em vista o progresso da indústria hoteleira, de que depende, em grande parte, o desenvolvimento da indústria do turismo, é indispensável estabelecer-se entre nós uma escola destinada a educar o pessoal de hotéis e restaurantes;

«b) Criada uma escola nestas condições, só devem ser admitidos aos lugares vagos nos nossos principais hotéis e restaurantes, qualquer que seja a sua categoria, os individuos diplomados por esta escola;

«c) Os cidadãos portugueses devem ser preferidos, nos lugares de hotéis e restaurantes, aos cidadãos estrangeiros.»

Expômos, assim, pois, ao nosso

DO ESTRANGEIRO

FRANÇA

Os Syndicatos de iniciativa

A idea do renascimento dos Syndicatos d'Iniciativa, apresenta-se, actualmente, cheia de interesse; e não admira que assim aconteça, pois a instituição d'essas Sociedades deveu a França a maior parte do desenvolvimento do seu turismo, antes da guerra.

Os Syndicatos d'Iniciativa em França, constituíam o que nós podemos chamar *Sociedades de propaganda local*; todavia a sua ação, se bem que bastante proveitosa, não deu então os resultados que havia a esperar, por não ter obedecido a um criterioso programa.

A guerra, porém, veio modificar grandemente a organização d'esses syndicatos; e assim é que eles vão restabelecer-se sobre uma forma mais apropriada ao campo em que os seus immediatos beneficios se devem fazer sentir.

Segundo o plano já traçado, a esses grupos será attribuída a defeza dos interesses geraes da respectiva região; cabendo a pequenos *Comités d'Aménagements*, constituídos nas diferentes cidades e vilas cuja visita ofereça um interesse real, a obrigação de promoverem a tudo quanto possa resultar em proveito proprio.

São considerados tão extraordinariamente importantes os beneficios que o turismo em França deve vir a auferir da nova ação d'essas sociedades, que por toda a parte lhes prestam o maior acolhimento e um entusiastico concurso. Um dos órgãos que mais interesse lhes tem dedicado é o *Touring Club*, que, atendendo ás difficuldades financeiras com que estavam lutando alguns d'esses organismos, vem de lhes conceder uma subvenção de 50.000 francos. Seguindo esse exemplo, a Repartição Nacional de Tu-

compatriota (e era essa a nossa intenção) o conhecimento que, do assunto, já de ha muito ha em Portugal, e do que a tal respeito se tem procurado fazer.

Infelizmente, n'este Paiz, só uma vontade de ferro e uma persistencia sem limites conseguem, algumas vezes, colher frutos, embora se trate do interesse geral da Nação. E quando qualquer idea vinga é porque poude contar com o patrocínio politico, sem o que, em Portugal, coisa alguma se effectiva.

Como o correspondente do «Diário de Noticias», promete, na mesma carta, trazer para a Sociedade Propaganda um programa do ensino hoteleiro em Puy-de-Dôme, o que será muito para agradecer, permitimo-nos, todavia, a liberdade de lhe dizer que traga antes uma boa influencia politica que faça effectivar os programas já traçados sobre o ensino hoteleiro em Portugal, o que certamente, não lhe será muito difficil no presente momento, visto andarem lá por fóra os *gros-bonets* da situação actual.

rismo fez doação de igual soma, para o desenvolvimento da ação de cada um dos grupos mais necessitados de concurso material.

Porém, essas duas entidades levaram ainda mais longe a sua protecção, endereçando um patriótico apelo a todas as colectividades directamente interessadas no progresso do turismo em França, para subvencionarem e auxiliarem a ação verdadeiramente nacional dos Syndicatos de Iniciativa.

A este proposito, não podemos deixar de trazer um periodo da noticia que o Boletim do *Touring Club* insere. Diz ele:

«Graças a Deus, passou já a época em que era necessario, a cada passo, parar-se para explicar qual o valor que trazia á prosperidade do Paiz o desenvolvimento do Turismo. Hoje fez-se luz nos espiritos, e o Governo, as Camaras, as assembleas departamentais, Comunas, etc., estão sufficientemente elucidadas a este respeito e compenetradas do interesse que representa o Turismo, auxiliando no mais alto grau todas as iniciativas tendentes a esse fim.»

—Tal qual como em Portugal...

Visita aos Campos de Batalha

A casa Michelin, de Paris, com o patrocínio do *Touring Club de France*, acaba de editar um *Guia para a visita aos Campos de Batalha*. Essa importante publicação será redigida com o mais escrupuloso cuidado e conterá a topographia dos logares onde se travaram as batalhas mais sangrentas, e ainda numerosas gravuras que, alem de illustrarem brilhantemente cada volume, permitirão ao leitor avaliar com clareza todas as phases da grande luta mundial.

Esse interessante trabalho é traduzido em inglez, hespanhol e portuguez, e brevemente será posto á venda no nosso mercado.

O primeiro volume appareceu nos primeiros dias de Setembro passado, como consagração do anniversario da Batalha do Marne.

Visitas e excursões

O Syndicato d'Iniciativa de Grenoble et du Dauphinot organisou um serviço especial, em comum, para transporte de visitantes aos mais belos sitios do Dauphinot, uma das mais encantadoras regiões da França.

... Também o Syndicato de Iniciativa de Clermont-Ferrand et de l'Auvergne tem preparado uma serie de excursões, afim de facilitar aos turistas a visita ao paiz dos sonhadores.

... Na Côte d'Azur a Federação dos Syndicatos d'Iniciativa estabeleceu um serviço de correspondencia, ligando as principais estações dos Alpes maritimos com a estação do caminho de ferro que as serve.

Emfim, em toda a França, mesmo n'esta quadra de luto e de dor, aqueles a quem incumbe a missão de velar pelo seu futuro, não deixam de dedicar os seus melhores esforços a tudo quanto diz respeito ao turismo, porque o consideram uma das principais razões de vitalidade do seu paiz.

SUISSA

Por toda a parte a industria de turismo vaç levantando alto o seu pendão de gloria.

Não só na França e na Italia o turismo encontra especies e apropriados campos de vida. Em qualquer d'esses dois paizes, antes da guerra, como também na Suissa e na Alemanha, o turismo era já considerado como a melhor fonte de riquezas e como o maior e mais fundo filão da prosperidade d'um povo.

Hoje, nas nações em lucta, as que não teem a tarefa nem as responsabilidades da Administração publica n'esta grave conjuntura, dedicam todos os seus esforços e cuidados á preparação do caminho que ha de, depois de terminadas as hostilidades, ser transposto pela massa fluctuante que, sem duvida, invadirá os campos onde os exercitos se bateram.

D'esta sorte, a Suissa, pela sua excepcional situação, será um ponto obrigatorio de passagem ao turista *d'après guerre*; e se bem que, antes da grande batalha mundial, os seus visitantes ali encontrassem as maiores facilidades e o mais carinhoso acolhimento quer para o turista ou fosse para o doente que no seu clima procurasse alivio, o certo é que os seus organismos vites comprehendem que, para uma mais homogeneia e proveitosa acção de defeza, em face da concorrência futura e, também, para um maior desenvolvimento turistico no seu Paiz, era necessario a criação d'uma entidade com caracter official, encarregada de presidir a tudo que se relacione com a industria de turismo. Essa entidade acaba de ser instituida n'uma conferencia ha pouco realisada, em que tomaram parte delegados de todos os corpos activos dos diversos cantões, bem como do T. C. S.; tendo recebido o titulo de *Associação da industria Suissa de Turismo*.

Para esta nova e importante agremiação, o Conselho dos Estados Federaes contribue com a subsidio de 120.000 francos, o que representa, ao cambio actual, cerca de 35 contos de réis.

A subscrição iniciada entre as corporações interessadas no desenvolvimento do Turismo, atingiu, já, a importante soma de

160.000 frs., ou aproximadamente 36 contos da nossa moeda, não incluindo, ainda, a quantia subscripta. No cantão de Geneva, um dos mais directamente interessados no progredimento turistico da Suissa.

Pelo que deixamos exposto pode avaliar-se o interesse e o especial cuidado que o Turismo merece nos paizes onde a experiencia passada produziu resultados sufficientemente favoraveis á pratica de todas as iniciativas n'esse sentido.

... Para prova que nem só a guerra prende as atenções geraes, registaremos que o numero d'automoveis, com turistas estrangeiros, entrados na Suissa durante os mezes de Maio a Agosto ultimos, foi de 239.

Calcule-se o que será depois de terminada a guerra mundial, quando nada faltará ao turista, sendo até provavel que a sua phantasiosa expectativa seja excedida!

ITALIA

Um novo órgão de turismo

PUBLICOU-SE, no mez passado, o primeiro numero do novo jornal unica e simplesmente dedicado á propaganda turistica, na Italia.

Esse órgão, para cujo titulo o Touring-Club Italiano tinha aberto um concurso especial, a que nos referimos na nossa secção de 20 d'Agosto ultimo, recebeu, por fim, o cabeçalho de *Le Vie d'Italia*; e sobre o seu aparecimento, o Boletim do T. C. I., referido a Setembro ultimo, dedica-lhe o seu primeiro artigo, d'onde traduzimos os seguintes periodos:

«O primeiro numero da «Le Vie d'Italia» apresenta-se simples, silenciosamente, sem o aparato nem o reclame de jornaes que, para naturalmente viverem exigem especies atractives. Este jornal far-se-ha gradualmente, sem interrupção e sob o criterioso caminho que lhe está traçado para a propaganda d'uma nova vida que a todos interessa; e assim a sua completa aceitação será tanto maior quanto podemos desde já assegurar-lhe uma colaboração não só do maior proveito nacional como variada sobre todos os aspectos que digam respeito á nossa defeza patriótica, pela inexgotável industria de turismo. E' uma obra muito complexa, e por isso ela será trabalhada gradualmente até possuir a estrutura que, por si só, se imporá, sem duvida, a todos os nossos compatriotas.

«O nosso maior empenho é habituar a mentalidade italiana a considerar o turismo como uma arteria fundamental na vida do nosso Paiz, adstrita a todas as formas do seu progresso moral e material. O conhecimento da nossa Patria é parte do patrimonio intelectual da Nação e fonte de amor Patrio. O movimento de forasteiros, que exerce uma importantissima influencia no nosso moral e um altissimo valor na vida economica do nosso paiz, é a logica consequencia d'uma organização turistica bem orientada e criteriosamente encaminhada, que será defendida pelo «novo jornal.»

«Le Vie d'Italia, embora nascido modestamente, ha de, em breve espaço de tempo, representar, como defensor intransigente do Turismo, o mais valoroso coeficiente da elevação nacional italiana.»

Assim nós possamos dizer um dia da *Revista de Turismo*, no que respeita a Portugal.

Propaganda no estrangeiro

ATINGE já a avultada soma de 503.105 liras a subscrição aberta pelo Touring-Club-Italiano destinada á propaganda; pela fotografia, das belezas do seu paiz. Segundo a noticia inserta no seu ultimo boletim, vão ser distribuidas: em Inglaterra 200.000 exemplares; em França, 200.000 e na Suissa, 50.000; estando em preparação a propaganda tanto na America do Norte, como nos Estados da America do Sul.

E' mais um factor importantissimo a contar na concorrência que vaç ser feita a Portugal; e se o nosso Paiz não cuidar a tempo de preparar a sua organização turistica, bem poderemos, nós os portuguezes, tomar logar no promontorio de Sagres — onde o Infante Santo expandia a sua nostalgia — para, por um oculo, vermos passar os transatlanticos, carregados de passageiros das Americas, com rumo a... outros mais inteligentes e mais diligentes paizes.

MUSEUS

PATENTES EM LISBOA

MUSEU DE ARTE ANTIGA, ás Janelas Verdes, aberto das 11 ás 17, ás quintas-feiras, e nos outros dias das 12 ás 17, excepto aos sabados que está fechado.

MUSEU ANTROPOLOGICO E GALERIA DE GEOLOGIA. Academia das Sciencias, todos os dias, precedendo licença, das 10 ás 16, excepto domingos e feriados.

MUSEU ARQUEOLOGICO, Largo do Carmo, todos os dias, 10 ás 16, \$10 cada pessoa: bilhete de familia (cavalheiro acompanhado até 6 senhoras), \$20; crianças gratis.

MUSEU DE ARTILHARIA, largo do mesmo nome; está patente ao publico ás terças, quartas e domingos, das 11 ás 16. Nos outros dias, á excepção das segundas-feiras, que está fechado, apenas é franqueado a estrangeiros ou pessoas munidas de autorização especial.

MUSEU D'ARTE, contemporanea Edificio da Bibliotheca Publica.

MUSEU DOS COCHES. Paço de Belem, Aberto das 12 ás 16, excepto ás sextas.

MUSEU COLONIAL E ETNOGRAFICO, Sociedade de Geografia, domingos, 10 ás 16.

MUSEU ETNOLOGICO PORTUGUEZ, Mosteiro dos Jeronimos, aberto ao publico todos os dias, inclusivé domingos só se exceptuando as segundas-feiras e os dias de gala.

MUSEU DE HISTORIA NATURAL. Escola Politecnica, quintas-feiras, 10 ás 16; outros dias, licença especial.

MUSEU DE HIGIENE, rua da Cruz de Santa Apollonia, 25, quintas-feiras, 12 ás 16.

MUSEU NUMISMATICO. Bibliotheca Publica, todos os dias uteis. 12 ás 16.

MUSEU DO TESOURO DA CAPELA DE S. JOÃO BAPTISTA, na Misericordia ultimos domingos de cada mês, 12 ás 15-30; outros dias, licença especial.

MUSEU DE S. NICOLAU, aos domingos, das 13 ás 15, e em todos os outros dias, das 10 ás 14, mediante licença especial. Entradas gratuitas.

MUSEU TIFLOLOGICO E BIBLIOTECA BRAILLE, para uso dos cegos T. do Fala 56, 16, dias uteis, das 11 ás 15, com autorização do fundador, Branco Rodrigues.

MUSEU BORDALO PINHEIRO, Parque do Campo Grande, (lado oriental) aberto aos domingos. Entrada \$10.

UM TRIANGULO DE TURISMO

DO ENTRONCAMENTO A THOMAR DE THOMAR A ABRANTES

Do nosso colega, Jornal de Abrantes trancrevemos, com a devida venia, a seguinte interessante descrição do percurso, feito por um dos seus redactores, d'um dos agradáveis triangulos de turismo.

CHEGAMOS ao Entroncamento em uma manhã de outono, quando o calor do verão esmorecia na carícia duma suave frescura.

Trouxe-nos de Lisboa um comboio do norte, arrastado a lenha por entre as campinas do Ribatejo, já resequecidas de restolhos, que os gados tosavam com apetites matutinos. Pelas encostas as videiras estendiam-se numa grossa tapeçaria verde, adornada de topasios doirados e perolas negras. No Entroncamento esperava-nos um automovel, de Tomar. Seguimos sem almoço, que, por muito mau que seja nesta cidade, nunca será peor do que naquela estação. Pouco adiante deixamos a estrada da Barquinha e seguimos para a Cardiga—grandiosa granja, linda vivenda sobre o Tejo, que, das janelas da casa, se desfruta n'um golpe de vista fundo, encantador, até Tancos.

Veem-se ali os melhores estabulos portugueses, junto das melhores oficinas de lacticínios, que tem o país. Admiram-se também belos exemplares de eguas peninsulares e francesas e cavalos arabes.

Podem estudar-se modelos de silos para a conservação das forragens verdes.

As flôres, enredando as paredes, resguardando-se em estufas, estendendo-se em canteiros, dulcificam o espirito nas cancelas que demanda toda essa instalação agricola, esmerada, imponente e modelar. Voltámos á estrada, caminho da Barquinha, por entre olivedos prateados, esmeraldados de bagos verdes em ramos gloriosos de paz, aneada e bemdicta. Atravessamos a vila na parte alta, onde o Tejo não chega nas suas inundações, abençoadas porque fertilizam, amaldiçoadas porque devastam, num conjunto de riqueza e fome, num paradoxo de sorrisos e lagrimas. E a estrada segue num plano superior e paralelo ao Tejo, com as margens cortadas pelos renques verdes das marachas e outras vezes com a agua a banhar a ribanceira da estrada, dando-nos uma deliciosa sensação de frescura, convidando-nos a molhar os de-

dos a espargir os companheiros numa benção pagan.

Do outro lado branqueja o Arrepiado, muito alegre na sua casaria branca, muito vivo no verde escuro dos montes em que se engasta.

Chegámos a Tancos e o Tejo, por despedida, mostra-nos, põe-nos ao pé, a sua velha joia, o seu pitoresco castello de Almourol, a emergir, muito elegante, da ilha de verdura, que a agua afaga, num doce abraço e que o luar enche de magia, evocadora de lendas e romances. Cortámos para cima; deixámos o rio no seu azul serpentear por entre os salgueirões; abandonámos a paisagem fresca, mimosa, da borda de agua; subimos para o acampamento de Tancos por entre o pinheiro e a esteva—flora de chameca purificadora dos pulmões. Estendem-se em cima os edificios militares espalhados por todo o campo em construções de pavilhões e barracamentos. Continua agreste, arida, a paisagem, que a estrada corta, caminho de Tomar, até Santa Cita. Aqui o amplo campo do mercado mensal cobre-se de pinheiros, de copa arredondada como grandes guarda-soes, que a te-soira tivesse tosquiado em forma de cabeleira, cuidadosamente aparada. Ao lado a igreja onde se venera o Senhor de Santa Cita, que, ha pouco tempo ainda, tinha ruidosa festa em Setembro, pela feira do ano. Festa importante para o povo do sul, mesquinha e ridicula comparada com as romarias do norte. Ainda não ha muito que vimos no campo fronteiro a igreja do milagroso S. Torcato, perto de Guimarães, enfileirarem, em dois renques, vinte fornos, que, durante os quatro dias da romaria não descançaram a assar vitelas e leitões.

Quem fôr entendedor, que faça a conta e veja quantas pipas do verde se teve de despejar na rega daquela comezaina. Até faz mal a lembrança de tal fartura nestes dias de fome! Mas isso é que é festa, á grande, á valentona... Deixando Santa Cita, a estrada estende-se em plano direito, por entre vinhedos, até Tomar.

E assim damos entrada na cidade de Gualdim Paes, aprazivelmente situada na margem direita do Nabão.

Terra notável pela industria das suas numerosas fabricas e pelo seu Convento de Cristo, um dos mais bellos edificios do nosso país, feito e

rendilhado em estilos que vão do puro gotico até á renascença.

Dedicámos-lhe o dia. Necessitavamos um banho e o almoço, e só pela tarde subimos ao Convento e á Alcaçova do Castelo de Gualdim Paes. Foi demorada a visita, porque tivemos que ver e admirar. A' noite ouvimos no corêto do jardim publico uma banda militar, que encheu por completo o pequeno serão de quem, ao outro dia, tinha de se levantar cedo para continuar o passeio. E assim aconteceu, pois não eram ainda seis horas e já um desalmado creado cumpria cruelmente, sem complacencias, a ordem que lhe tinham dado, de nos acordar a essa hora. Batia á porta do quarto sem dó nem piedade, sem que lhe pudessemos aplicar a receita d'um nosso velho amigo, que, ao ser acordado pelo despertador, á hora desejada na vespera, deitou a mão ao relógio, atirou-o á parede e voltou-se para o outro lado, a dormir socegradamente.

Agora a caminho de Tomar a Abrantes.

(Continúa)

Thermas de S. Pedro do Sul

DOS melhoramentos a effectuar pela camara de S. Pedro do Sul, vão em via de conclusão, o novo balneario, que ficará dos mais amplos e modernos do paiz, a represa no rio Vouga, que uma vez concluida formará um lago de mais de 2 kilometros de extensão, na queda d'agua que se prepara da mesma represa, se poderá tirar energia electrica, não só para as Thermas, mas também para as villas visinhas de S. Pedro do Sul, Vouzela e Oliveira de Frades.

Tambem a Camara Municipal de S. Pedro do Sul vae dotar as thermas com um hotel moderno de acordo com a lei dos hoteis.

A «REVISTA DE TURISMO»

Em Hespanha vende-se nas bibliotecas das seguintes estações:

Madrid (Atocha), Madrid (Nortê), Manzanares, Valdepeñas, Ciudad Real, Zafra, Sevilla (Plaza de Armas), Sevilla (S. Bernardo), etc.

Aos nossos escriptorios, Largo Bordalo Pinheiro 28, podem ser requisitadas as capas artisticas que mandámos fazer para a encadernação dos 24 numeros correspondentes ao 1.º ano da «Revista de Turismo».

O preço da encadernação, incluindo as capas, é de Esc. 1\$10 (mil e cem réis); fornecendo-se só as capas por 80 centavos (800 réis).